



Caso de São Paulo pode ajudar BH



www.cidadedesapaulo.com

Associação de Bairros se mobiliza em busca de melhorias na organização de eventos no Estádio do Morumbi

Papéis poluem as vias públicas em dia de eleição.
pág. 3

Projeto de trânsito visa melhorias para a Pampulha.
pág. 6

Entrevista: José Eustáquio Natal, diretor-geral da ADEMG.
pág. 7

Obras iniciais do BH-Tec ficam prontas em novembro.
pág. 8

Carta ao leitor

Nossa edição desse mês traz como reportagem principal o seminário realizado no Museu de Arte da Pampulha, que discutiu e elaborou planos para a diminuição dos impactos causados por eventos nos estádios do Mineirão e Mineirinho. Começamos a conversar também com os Clubes de nossa área para a elaboração de um protocolo de convivência com os moradores. Nossa representante municipal do meio ambiente diz que o excesso de ruídos em BH se deve, principalmente, à intolerância de seus habitantes. Entretanto, parece-nos que aqueles que têm provocado esse incômodo à população começam a se mostrar sensíveis ao problema, mostrando que os moradores da região merecem o devido respeito. Isso foi o que demonstraram os presentes ao seminário, ao afirmarem sua disposição de implementar e apoiar ações que diminuam a poluição causada pelos eventos que organizam. O direito dos que produzem poluição termina onde começa o direito da população à qualidade de vida.

Estamos começando a gerar os frutos de nossos incansáveis esforços de trabalho, juntamente com outras associações de bairro, entidades civis organizadas, órgãos públicos e até empresas privadas. E isso tudo torna-se possível graças ao apoio recebido de nossos associados, cujos interesses representamos. Não podemos deixar de fazer menção ao empenho de nossa Secretária Regional na realização desse seminário. Agradecemos ainda à Sra. Márcia Vairoletti, da ASSEC-São Paulo, que prontamente atendeu ao convite da Pro-Civitas para nos expor a experiência de trabalho pela melhoria da qualidade de vida dos moradores da capital paulista.

Com a proximidade do final de 2006, começo a sonhar com um número maior de colaboradores. Para isto, anexam uma Ficha de Adesão a essa edição de nosso jornal, para que você, morador que ainda não integra nosso quadro de associados, possa fazer parte desse nosso grupo de trabalho. E você, que já é membro da Pro-Civitas, pode também cadastrar um vizinho ou amigo do bairro, o que, com certeza, representará um fortalecimento da associação.

Juliana Renault Vaz
Presidente da Associação Pro-Civitas

cartas

QUEIXA DO MORADOR

O cruzamento da Av. Dias Bicalho com a Av. Antônio Carlos é um atentado à vida de quem passa de carro ou a pé. Quem sai de carro do bairro São José ou São Luiz e quer pegar a Av. Antônio Carlos em direção ao centro, ou quem vem da Dias Bicalho, ao lado do aeroporto, depende da boa vontade dos outros motoristas, pois não há sinal de trânsito.

Há problemas com um sinal mal posicionado numa lajeira que arrisca a vida do pedestre, e um grande buraco na Antônio Carlos, que só fica visível quando o carro chega em cima dele.

Além disso, fica-se à mercê de assaltantes que se escondem no lote vago na esquina do sinal.

Não vejo vantagem em se fazer a entrada do bairro pela Dias Bicalho, em vez de se usar a Abrão Caram, como era feito antes: a Abrão Caram é mais larga, tem sinalização e seu acesso pode ser feito por uma rua plana. Depois da mudança, ficou impossível se atravessar a Dias Bicalho em qualquer ponto da mesma, pois os carros transitam em alta velocidade, indo ou vindo de bairros situados além do São José-São Luiz.

Profa. Regina Pinto de Carvalho

ELOGIO

Quero deixar por escrito os parabéns pelo seminário sobre organização de grandes eventos. Ele veio comprovar mais uma vez a capacidade de liderança e comprometimento da presidente da Pro-Civitas com suas convicções a respeito de viver bem em sociedade mesmo sendo isto um grande desafio.

Parabéns, você alcançou o seu objetivo. Tenho certeza que muita coisa virá em função do que foi discutido.

Júlia

Olá,

Gostaria de agradecer-lhe o envio dos jornais publicados pela Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José. O material é de excelente qualidade e fará parte de nosso acervo. Parabéns pelo trabalho que vem sendo realizado na Pampulha. Temos muito trabalho pela frente. Nossa cidade merece toda nossa atenção, cuidado e carinho.

Muita força sempre!

Atenciosamente,

Sérgio Manini

Arquiteto Urbanista - BHTrans

CAMPANHA ELEITORAL

A propósito de campanha promovida nesse período de eleição pela associação de moradores de bairros da Pampulha (em especial São Luiz e Bandeirantes) contra os pichadores de muro, cabe fazer uma distinção importante. Merecem nosso repúdio aqueles que, sem uma permissão legal, pintam muros, promovendo propaganda eleitoral ilegal.

Vale a pena salientar, ainda, que é obrigação dos candidatos, por lei, passadas as eleições, limpar quaisquer propagandas feitas durante o processo eleitoral, sob pena de multa (no mínimo R\$ 20.000,00), também aplicada às propagandas irregulares.

Atenciosamente,

Oscar Corrêa Júnior

Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José

Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG
CEP: 31.270-750

Tel: 3490-4564 - e-mail: pro_civitas@terra.com.br

expediente

Presidente: Juliana Renault Vaz

Vice-presidente: Raquel Teixeira Braga de Souza Goulart.

Diretor Administrativo-Financeiro: Carlos Antônio Quirino.

Conselho Consultivo: Helder Novais, Paulo Emílio Gaissler e Taís Cunha.

Conselho Fiscal: Claude Mines, Éder Figueiredo, Hélio Gonçalves, José Afonso Assumpção, José Flávio Barbosa e Fátima Cassis.

Produção: C.R.I.A. UFMG Jr.

Projeto Gráfico: Cláudia Mendonça.

Diagramação: C.R.I.A UFMG JR.

Projeto Editorial: Cláudia Mendonça, Flávia Reis e Sílvia Dalben.

Apuração, Redação e Edição: Adriana Mitre, Fábio Neves, Filipe Sartoreto, Livia Machado, Mariana Congo, Martha Domingues, Paula Hermont e Renata Carneiro.

Fotografia: Fábio Neves, Filipe Sartoreto, Mariana Congo, Paula Hermont e Renata Carneiro

Jornalista Responsável: Jurandira Gonçalves - MG 10185 JP.

Periodicidade: Bimestral - Tiragem: 3.000 exemplares.

notícias

Avalanche de papéis

Reportagem: Paula Hermont

Na calçada só se viam papéis, assim como no canteiro, no gramado e no asfalto. Esse foi o cenário das últimas eleições, marcado por uma exacerbada propaganda eleitoral e, com ela, a banalização da poluição visual e o descaso com a limpeza das vias públicas.

Segundo a Coordenadoria de Comunicação do Tribunal Regional Eleitoral, a lei 11300/2006, chamada de 'mini reforma eleitoral', apertou o cerco à propaganda irregular. Com a nova legislação foram proibidos showmícios, outdoors e a distribuição de camisas e cartazes. Como alternativa, a propaganda política se intensificou na televisão, no rádio e no impresso.

A distribuição de 'santinhos' é algo comum em tempos eleitorais. Sem fazer jus ao nome do impresso, essa prática evidencia a má postura dos políticos. Os candidatos querem divulgar sua imagem e fidelizar eleitores, mas essa atitude está longe de ser fiel ao meio ambiente.

No domingo, 01 de outubro, os canteiros e gramados da alameda do colégio Santa Marcelina, no bairro São Luís, estavam tomados pelos 'santinhos'. A maioria dos eleitores não procurou saber da proposta de limpeza urbana de seu candidato e afirmam que, mesmo em grande número, o impresso não influenciou na escolha do candidato. De acordo com Marilene Duarte, moradora do bairro São Luís há 25 anos, "não pensei em limpeza urbana na hora de escolher meus candidatos, pensei em outros aspectos como saúde e corrupção", diz. Já para Marinês do Carmo, que mora no bairro há 14 anos, a questão é de educação: "a população de um modo geral não deveria deixar a cidade suja do jeito que está e os candidatos deveriam colaborar com isso".

A questão do lixo é cultural, ou seja, deve se dar com a responsabilidade tanto do poder público como dos cidadãos. No entanto, a enorme quantidade de papéis nas vias públi-



Paula Hermont

"Santinhos" comprometem a limpeza urbana da região da Pampulha

cas durante as eleições evidencia que há negligência dos partidos políticos, dos próprios candidatos e dos eleitores com a limpeza urbana. Segundo Osvaldo do Carmo Machado, gerente regional de limpeza urbana da Pampulha, "se esse conjunto da sociedade contribuisse para uma visão ambiental, respeitasse as leis do Tribunal Superior Eleitoral, os impactos ambi-

entais durante as eleições seriam minimizados", afirma. O material jogado nas ruas, além de causar a poluição visual, afeta a rede de drenagem, contaminando rios, córregos e a própria Lagoa da Pampulha.

Em caso de sugestão ou queixa referente à limpeza urbana ligue para o disque limpeza da SLU -3277-9388.

Restauração da Mãe Água

Reportagem: Livia Neto

Em 21 de outubro de 1982, a pedido dos umbandistas, a Prefeitura inaugurou a estátua de lemanjá em uma praça, que recebeu o nome da orixá, localizada na orla da Lagoa da Pampulha. No entanto, a estátua fica à mercê do vandalismo advindo da intolerância religiosa e o monumento tem sofrido constantes agressões. Desde 2003, existe um projeto, que está em

vias de concretização, para solucionar esse problema.

lemanjá é uma divindade sagrada para os fiéis afro-brasileiros. É cultuada como "rainha do mar" por umbandistas e candomblecistas, devido à tradição dos orixás ter se firmado primeiro em cidades litorâneas, como Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

Em Belo Horizonte, o local escolhido pelo culto à "Mãe Água" foi a Lagoa da Pampulha. Segundo Flávio Carsalade, Secretário de Administração Regional Urbana da Pampulha, a estátua de lemanjá na Lagoa mostra que "a diversidade cultural e racial já foi incorporada pela população de Belo Horizonte".

Além da restauração da imagem, o projeto de reforma consiste em

levar o monumento da orixá para 20 metros dentro da água, de forma a torná-la inacessível. O pintor e escultor mineiro Jorge dos Anjos construirá, ainda, um pórtico em aço com motivos afros para enquadrar lemanjá.

Festa de lemanjá

Desde 1957 acontece a Festa de lemanjá na Pampulha. O evento é organizado pela Federação Espírita Umbandista do Estado de Minas Gerais, e conta com a participação de terreiros de umbanda, candomblé e de público isolado. Na última edição da festa, aproximadamente 2500 pessoas fizeram oferendas a lemanjá.

Durante a comemoração os fiéis fazem um ritual de purificação da

imagem, "que nos faz lembrar a lavagem da Igreja Nossa Senhora do Bonfim, na Bahia", constata Nelson Mateus Nogueira, presidente da Federação Espírita Umbandista.

lemanjá é conhecida como rainha do mar, porém, segundo Nelson Nogueira, seus domínios também se estendem às águas doces. Além disso, "a cerimônia também é ofertada a Olaxá, 'Deusa do Lago', que faz as oferendas chegarem a lemanjá", reforça o presidente da Federação.

A estátua de lemanjá na Lagoa da Pampulha é uma forte simbologia. Sua preservação é uma forma de contestar a intolerância religiosa e ressaltar a convivência pacífica e respeitosa entre os diversos credos da população belorizontina.



Paula Hermont

Reforma no local da estátua de lemanjá

Mobilização de setores da Sociedade

Reportagem: Martha Domingues e Fábio Freitas

Fábio Freitas



Juliana Renault Vaz e Márcia Vairoletti: troca de experiências entre as associações

Será que grandes eventos são sinônimos de desorganização e bagunça na região em que acontecem?

Existe uma legislação para eventos que procura evitar que isso ocorra. É necessário ter um mínimo de banheiros disponíveis no ambiente da festa e na vizinhança. Também é preciso um grande número de lixeiras, que seja suficiente para comportar todo o lixo produzido pelas pessoas, para que, desta maneira, não haja danos para o ambiente. Os locais devem contar com saídas de emergência bem sinalizadas, além de uma equipe de segurança e médica de prontidão para atendimento imediato. O trânsito é outro ponto que deve ser levado em consideração, sendo necessário um suporte para que assim, mesmo com o volume maior de automóveis e ônibus, não haja uma significativa mudança nas características da região.

Foi pensando nestas variáveis que a Associação de Segurança e Cidadania (Assec), dos bairros Mo-

rumbi, Butantã e Vila Sônia de São Paulo, se mobilizou para ajudar a firmar um pacto entre moradores, poder público e a organização de eventos.

O caso de São Paulo

O bairro do Morumbi em São Paulo é uma região de classe média alta, cujos condomínios e residências de luxo contrastam com várias favelas ao seu redor. No ano de 1960, o bairro ganhou o estádio do Morumbi, como uma promessa de lazer para a região. Com o crescimento da cidade, a dimensão dos eventos realizados no estádio aumentou e conseqüentemente sua estrutura se tornou insuficiente.

Em 2003, afirma Márcia, a violência atingia “níveis insuportáveis”, ruas, portas e jardins eram usados

“Ruas, portas e jardins eram usados como banheiros públicos.”

como banheiros públicos e o número de ambulantes era excessivo. A situação culminou quando um torcedor,

em dia de jogo, caiu nas grades do estádio, ficou pendurado pela perna e os bombeiros demoraram a chegar devido à desorganização do local e ao grande público atraído ao jogo.

Foi então que o Conselho Comunitário de Segurança do Morumbi (CONSEG Morumbi – vinculado à Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, e composto por um grupo de pessoas do mesmo bairro que apóiam a Polícia estadual), órgão apoiado pela Assec, decidiu criar, em 2003, uma comissão que envolvesse todos os responsáveis pelos eventos esportivos que aconteciam no estádio. Essa comissão foi chamada Comissão Preventiva de Segurança em Torno do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi), e envolve polícias, associações de bairros, Vigilância Sanitária, Ministério Público, Companhia de Engenharia de Tráfego, Subprefeitura do Butantã, e outros.

Durante cinco meses, a comissão se reuniu e decidiu tomar medidas para a melhoria da organização de eventos esportivos. A primeira foi a criação de um cinturão de 200 metros ao redor do estádio, onde nada relacionado ao evento pode acontecer. Assim, facilitou-se a fiscalização e o controle do tráfego de automóveis, sem prejudicar as moradias próximas ao local. A segunda medida foi a criação de dois bolsões de alimentação, tendo a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) como encarregada de encaminhar as torcidas rivais para bolsões diferentes, a fim de evitar confrontos. A terceira foi a criação de um bolsão de ônibus e a quarta, a criação de áreas para os meios de comunicação.

A implementação dessas medidas foi chamada de “Operação Morumbi” e, de acordo com Márcia Vairoletti, foi muito difícil, já que faltam recursos, infra-estrutura e pessoas especializadas nas regionais ou sub-prefeituras.

Um novo problema

Hoje em dia, o Estádio do Morumbi é muito utilizado para a realização de mega-shows e, com isso, outros problemas foram surgindo. Um deles é o acampamento de pessoas na porta do estádio como aconteceu com o show do U2, no começo do ano, e também com o show do grupo mexicano Rebelde, no início de outubro.

“A cidade não pode pagar por evento que busca lucros particulares”.

“Qual a responsabilidade do promotor do evento para com as pessoas que acampam do lado de fora?”, questiona Márcia. Ela relata que, por solicitação e insistência da Assec, foram colocados 100 banheiros do lado de fora do estádio no dia do show do U2. Além disso, foi contratado mais um montante de seguranças, e a região foi devidamente sinalizada.

A Lei

Analisando o cenário que se instalava e tendo conhecimento de uma lei, ainda não regulamentada, que previa a cobrança de uma taxa pelos serviços operacionais prestados pela Companhia de Engenharia de Tráfego – CET - aos organizadores do evento, a Associação se mobilizou

minimiza impactos de evento

Servir de exemplo de conquistas comunitárias

e conseguiu a regulamentação da lei vinte e um dias antes do show do U2. Com a implementação da lei, os promotores de eventos ficam obrigados a bancar os custos da operacionalização do tráfego. A sanção, no caso de não cumprimento da lei, é o impedimento da realização do evento. Márcia relata que aconteceram muitas reclamações por parte dos promotores, mas também que “a cidade não pode pagar por evento que busca lucros particulares”.

E BH?

Belo Horizonte sofre os mesmos problemas que São Paulo. De acordo com Vera Carneiro, moradora do entorno do Estádio do Mineirão “aqui também tem pessoas que fazem suas necessidades nas portas da nossa casa”.

Conforme Marília Campos, também moradora de BH, “deveria haver mais policiamento no entorno do estádio. O policiamento deveria ser esten-

dido para outras quadras, para proteger os moradores.” Mesmo com os atuais problemas, Marília diz que os arrastões já diminuíram bastante.

De acordo com o Capitão Cecílio Gonçalves, do 20º. batalhão, a atual situação de segurança do Estádio do Mineirão não é a melhor. Há o registro de 15 a 20 ocorrências por evento, bem inferior ao que tínhamos anteriormente, “pois contamos com um esquema planejado de segurança que é reforçado por um conjunto de câmeras distribuídas pelo estádio. Desta maneira, conseguimos diminuir, por exemplo, os casos de vandalismo”.

A situação pode parecer caótica, porém de acordo com Márcia Vairoletti o importante é ter persistência, não desistir, ir a audiências públicas de interesse dos moradores, ter atenção ao que acontece com a cidade e ao Plano Diretor Regional. “Pois demolir o estádio a gente não vai conseguir”, diz Márcia.



Discussão sobre a realização de eventos no “1º Seminário sobre

Eventos na Pampulha” reuniu diversas vozes

1º Seminário sobre Eventos na Pampulha

No início de outubro, um seminário organizado pela Secretaria de Administração Regional Municipal Pampulha (SARMU-P) e pela Associação Pro-Civitas reuniu moradores, poder público e promotores de eventos na discussão sobre eventos na Pampulha. Três eram os objetivos, segundo Flávio Carsalade, secretário de administração da Regional Pampulha: criar espaço de interlocução entre os diversos interessados; buscar soluções mediante gestões participativas; identificar ações para um melhor equilíbrio de gestão urbana.

Morumbi

Márcia Vairoletti, ao relatar dificuldades na implementação da Comissão Preventiva de Segurança do Morumbi, ressaltou que “tudo depende da vontade política, da administração pública funcionar”. Segundo ela, as entidades de moradores devem pressionar o poder público para que este tome medidas a estruturar melhor os eventos. Flávio Carsalade, em resposta, disse que a “vontade política não é só dos órgãos de administração municipal, mas de todos”, e que a comunidade tem que participar.

Diversas vozes

Juliana Renault Vaz, presidente da Pro-Civitas, pediu à Prefeitura e à ADEMG mais comprometimento na organização dos eventos. Por sua vez, Ricardo Raso, da ADEMG, disse que o Mineirão, recentemente, passou a receber eventos que não comporta, gerando-se a necessidade de adaptações. Para o representante dos promotores de

eventos, é necessária a união de forças, e que estes buscam sempre a boa organização, juntamente à BHTRANS, e fazendo análises para o controle de níveis de pressão acústica e da estruturação da limpeza do local. Ele chamou atenção ao caráter de “negócio” de sua atividade, e que “as pessoas têm que entender que nós não somos Estado”, “nós só fazemos o que a lei nos obriga”, afirmou.

Flávia Mourão, da Secretaria Municipal-Adjunta de Meio Ambiente, falou da preocupação do prefeito Fernando Pimentel, do ponto de vista ambiental, com relação à Pampulha e dividiu a poluição sonora em duas “nuances”: objetiva – níveis de pressão; e subjetiva – a “reclamação do morador obcecado”, que “não tem o que fazer”. Para ela, deve haver um melhor entrosamento entre as esferas e competências do poder público.

COMOVEEC

A representante da Comissão de Monitoramento da Violência em Eventos Esportivos e Culturais (COMOVEEC) disse que esta foi criada para planejar e executar ações preventivas e corretivas, a fim de garantir mais tranquilidade aos eventos. A Pampulha teria sido a maior beneficiada. Juliana Renault Vaz questionou os motivos da não inclusão de membros de associações de bairro na comissão, e sugeriu a inclusão formal de membros da sociedade civil organizada.

Tiveram representação também no seminário a BHTRANS, organizadores de eventos religiosos e clubes da Pampulha.

artigo

Eventos em estádios de futebol: problema?

O bairro Morumbi, em São Paulo, e a região da Pampulha, em Belo Horizonte, vivem o mesmo drama: estádios de futebol sendo utilizados para mega shows. Os transtornos são os mesmos para quem mora perto destes espaços: lixo no chão, carros e ônibus em locais proibidos, estacionamentos irregulares, falta de segurança, vandalismo, além do barulho.

Devido aos transtornos, a Associação de Segurança e Cidadania (Assec) e o Conselho Comunitário de Segurança (Conseg Morumbi) resolveram criar a "Comissão de Estudo Sobre Prevenção da Violência, Distúrbios e Segurança no Estádio do Morumbi e seu Entorno", composta por 20 órgãos públicos envolvidos no evento, proprietário do estádio, Federação Paulista de Futebol, Associação dos Cronistas Esportivos e entidades representantes dos moradores.

Avançamos sim, e muito. Porém, ainda não consolidamos nossas conquistas. Para que isto aconteça é preciso muita perseverança por parte da sociedade civil organizada e, acima de tudo, vontade política dos órgãos públicos em fazer cumprir e aprimorar as normas vigentes.

Por isso, felicitamos a presidente da Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José, Juliana Renault Vaz, e o Secretário da Administração Regional Municipal da Pampulha, Flávio de Lemos Carsalade, pela realização do "I Seminário sobre Eventos na Pampulha", que, através do debate democrático, buscam encontrar ações e soluções, com o propósito de minimizar os impactos negativos das interferências urbanísticas públicas e privadas inerentes aos processos sociais e econômicos que agem sobre a Cidade.

Para fazer funcionar bem o que já existe, é preciso ter como prioridade a realização de projetos amplamente debatidos pela sociedade civil e órgãos públicos, sua manutenção e ações de educação, para mudança de comportamento e atitude dos frequentadores dos estádios de futebol, quer para assistir um jogo ou mega show.

Marcia Vairoletti
Presidente da Associação de
Segurança e Cidadania

notícias

Trânsito incomoda moradores da orla

Reportagem: Filipe Sartoreto

Não é novidade que o trânsito é um problema que atinge, cada dia mais, as grandes cidades, e em Belo Horizonte não é diferente. A região da Pampulha é uma das que sofre com o aumento do trânsito, agravado pelas obras na Avenida Antônio Carlos.

Manoel Guimarães, morador da Av. Otacílio Negrão de Lima, afirma que o tráfego próximo à sua residência é muito intenso pela manhã, causando acidentes e aumentando a poluição sonora e do ar. Manoel solicitou mudanças no trânsito da região junto à Associação Pro-Civitas, que encaminhou as solicitações à BHTRANS. Já Márcia Valle, também moradora da região, acredita que o problema do trânsito na região se deve às obras na Av. Antônio Carlos e que a situação se normalizará com o término das mesmas.

Estudando melhorias

Segundo Sérgio Manini, arquiteto-urbanista da BHTRANS e



Motoristas buscam alternativa à Av. Antônio Carlos

responsável pelos estudos urbanísticos para a orla da Pampulha, ainda não existe um projeto de trânsito pronto para a implantação na região. Os estudos preliminares foram apresentados ao Fórum da Área de Diretrizes Especiais da Pampulha em 24 de agosto de 2006. De acordo com Manini, os estudos visam, dentre outros pontos, "preservar as áreas ambientais junto à Av. Otacílio Negrão de

Lima e bairros do entorno, de forma a limitar o trânsito de passagem que hoje utiliza esta avenida como rota alternativa à Av. Antônio Carlos" e "viabilizar a implantação da complementação da ciclovia". Contudo, ele afirma que, dada a importância da Pampulha no contexto da cidade, os estudos ainda passarão por um amplo debate com a comunidade.

Pelo bem da Pampulha

Reportagem: Livia Neto e Paula Hermont

A Pampulha é mais do que um ponto turístico de Belo Horizonte, e sua importância vai além das belezas naturais e arquitetônicas que possui. A Lagoa da Pampulha, por exemplo, além de ser um cartão postal,



Lagoa, turismo e controle da vazão de água

funciona como uma unidade de amortecimento do pico das cheias, controlando a alta vazão de chegada da água, para que ela não saia e inunde áreas abaixo da barragem.

Com a chegada do verão essa importância é reforçada, pois as chuvas torrenciais levam a um processo de aterramento do solo. Segundo Weber Coutinho, gerente de Planejamento e Monitoramento Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Belo Horizonte, as cheias "melhoraram a qualidade da água, mas, por outro lado, carregam um maior número de sedimentos para a Lagoa".

Para reverter esse quadro de assoreamento, a Prefeitura de Belo Horizonte, a Prefeitura de Contagem e

particulares desenvolvem um contínuo trabalho de contenção de erosão por meio do Programa de Saneamento Ambiental.

O desassoreamento da Lagoa faz-se ainda mais importante frente à constatação de que a ocupação urbana aumenta a impermeabilização da superfície, possibilitando cheias maiores no futuro. Por isso, "é importante que áreas de montante da Bacia sejam ocupadas devidamente seguindo, no mínimo, o Código Florestal, que prevê a manutenção das faixas laterais ao curso d'água com mata auxiliar e o entorno das nascentes, em um raio de 50 metros, com vegetação nativa", reforça Weber Coutinho.

notas

TREVO COCA-COLA

No início deste ano, a Coca-Cola se prontificou a recuperar o trevo que fica em frente à empresa, próximo ao shopping Del Rey. De acordo com o departamento de recursos humanos, ficou estipulado um prazo de no máximo seis meses para o início da execução das obras. O projeto que compreende: calçamento em frente a fábrica, sinalização, passagem para deficientes físicos e faixa de pedestres foi entregue à BHtrans no dia 04 de setembro de 2006 para ser aprovado. Com esta aprovação será iniciada a recuperação do trevo.

FALECIMENTO

Faleceu, no dia 30 de agosto, Dr. João Cândia Novais, pai da Jussara Café Novais (organizadora do Arraiá do Ipê). Que o carinho que sempre recebemos dessa família maravilhosa seja parcialmente retribuído com nosso grande pesar e a nossa solidariedade.

REGULAMENTAÇÃO DO FADE

Aconteceu, no dia 13 de setembro de 2006, a reunião que aprovou o regimento do Fórum da Área de Diretrizes da Pampulha (FADE). As alterações sugeridas na reunião serão acrescentadas ao regimento, que definirá critérios a serem seguidos e regulamentará o funcionamento do FADE.

LIXEIRAS DE RECICLAGEM

Já completamos 16 meses de espera para a instalação de 2 conjuntos de lixeiras de reciclagem, cuja autorização depende da diretoria da SLU. Estas lixeiras nada custariam à empresa, pois pedimos a liberação de containers depositados na Av. dos Andradas, em desuso. Estes seriam instalados, em contrapartida aos doados pela Pro-Civitas, nas avenidas Dias Bicalho e Abraão Caran, contribuindo para aumentar o recolhimento de material reciclável. Ainda bem que a esperança é a última a morrer...

entrevista

Desafios na administração dos estádios

Reportagem: Mariana Congo

José Eustáquio Natal é diretor-geral da ADEMG (Administração dos Estádios do Estado de Minas Gerais) desde abril de 2005. Na época foi convidado pelo Secretário do Planejamento, Prof. Anastasia, para ocupar o cargo.

Quais os principais problemas e desafios enfrentados na administração dos estádios?

O maior problema é a falta de recursos financeiro e orçamentário para manter esses estádios em condições ótimas para atender ao público. O Mineirinho tem 25 anos e o Mineirão 41 anos e ainda não passaram por uma grande reforma.

De onde vêm os recursos da ADEMG?

No caso do Mineirão vêm do aluguel para futebol. A ADEMG tem hoje 10% da arrecadação de cada jogo e mais 10 mil reais de publicidade. Também alugamos os estádios para eventos, além da receita dos bares, do estacionamento e da Feira de Artesanato.

Em relação à Feira de Artesanato, existe uma ação popular movida pelos moradores da região contra a ADEMG e a Pampulha Eventos (administradora da feira à época de sua criação). A ADEMG rescindiu o contrato com a Pampulha Eventos, por qual motivo?

Desde que nós assumimos a direção-geral, era nosso objetivo a rescisão desse contrato. Ele não foi corretamente elaborado e assinado e estava vigorando sob efeito de uma liminar concedida em mandado de segurança. Também, o administrador da feira não estava pagando regularmente o que foi estabelecido no contrato. Nós queríamos que a feira

fosse gerenciada pelos próprios artesãos. Hoje, numa situação eventual, a própria ADEMG está administrando a Feira. Mas estamos em pleno processo de licitação para terceirizar sua administração.

Os habitantes da região reclamam do mau-cheiro ao redor do estádio pela falta de limpeza. O que a ADEMG tem a dizer sobre isso? A limpeza é responsabilidade da SLU ou da ADEMG?

Tudo o que acontece aqui é responsabilidade da ADEMG, mas hoje quem faz a limpeza externa do estádio é a SLU. Estamos estudando um convênio para uma solução definitiva do problema de limpeza. Em relação à reclamação, os moradores têm razão, pois querem preservar seu espaço, mas também precisam reconhecer que a Pampulha é uma das principais áreas de lazer do belo-horizontino, e respeitar o direito das pessoas virem à região em busca desse lazer.

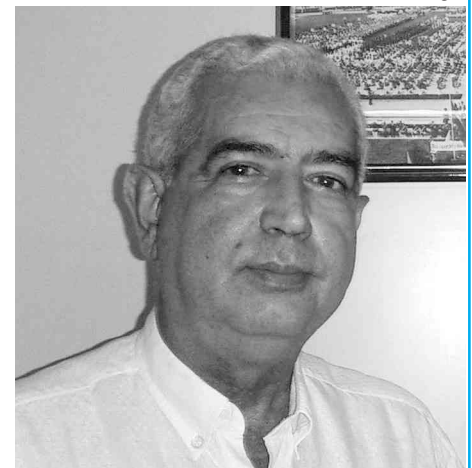
Como está o processo de implan-

“Queremos que o Mineirão seja o mais confortável, seguro e bonito estádio do Brasil – com a possibilidade de sediar a copa de 2014.”

tação do posto PSIU do Mineirinho?

O posto PSIU foi um pedido da Pro-Civitas para a ADEMG na primeira reunião que nós tivemos. Dois dias depois dessa reunião eu encaminhei esse pedido à Secretaria do Planejamento. Mas havia uma demanda para implantação de um posto PSIU em Venda Nova e outra no Barreiro, e a nossa ficou em terceiro lugar. Ainda não saiu do papel, mas espero que se concretize ainda este ano.

Existe algum projeto em andamento



José Eustáquio Natal, diretor-geral da ADEMG.

para a melhoria física dos estádios?

O programa de reforma do Mineirão, que também vai incluir o Mineirinho, tem de 8 a 9 projetos. Queremos transformar o Mineirão em uma espécie de “shopping center”, com restaurantes, lojas, cinema, entre outros serviços. Queremos também que o Mineirão seja o mais confortável, seguro e bonito estádio do Brasil – com a possibilidade de sediar a copa de 2014. Uma das prioridades é cercar o estacionamento, resolvendo o problema da segurança. Também acredito que ainda esse ano vamos iniciar a reforma da fachada, com o tratamento do concreto e limpeza.

Qual você acredita ser o próximo passo para melhoria da convivência entre os estádios e os moradores?

É fundamental o diálogo e a convivência harmoniosa entre moradores e estádios. Eu sei que trazemos grandes problemas a eles, como a sujeira, mas no outro dia já tem alguém limpando. Pretendemos fazer uma campanha trazendo grandes jogadores pedindo aos torcedores para colaborar com a limpeza; foi até um ponto proposto pela Juliana Renault. Vamos ativar o Conselho de Administração da ADEMG e sugerimos que haja um membro da Associação nesse conselho.

bairro-a-bairro

Um parque que não é de diversões

Reportagem: Renata Carneiro

Espera-se que, em 10 anos, o Parque Tecnológico de BH, o BH-Tec, fomenta o desenvolvimento de tecnologias de ponta e pesquisas na UFMG.

A primeira etapa da obra do Parque Tecnológico de Belo Horizonte tem previsão para terminar em novembro deste ano. As obras de infra-estrutura começaram em março passado e as mudanças no terreno de 535 mil metros quadrados já podem ser percebidas por quem passa pela avenida Presidente Carlos Luz.

Fruto de um consórcio entre a UFMG, o estado de Minas Gerais e a Prefeitura de Belo Horizonte, o parque contará com investimentos públicos e de empresas de tecnologia de ponta. A União, através da UFMG, cedeu o terreno, avaliado em 20 milhões de reais e o estado e a Prefeitura também devem investir esse valor.

A primeira fase da obra consistiu na criação da infra-estrutura para a posterior implantação de prédios. A Prefeitura de Belo Horizonte é responsável pela execução dessa fase que custará aproximadamente quatro milhões de reais. "A Prefeitura tem que deixar em condição de funcionamento", afirma Sérgio Massahud, coordenador de obras pelo município. "Nós instalamos a rede de água, esgoto; a rede subterrânea de fibra ótica e de energia elétrica e canalizamos o Córrego do Mergulhão", exemplifica o engenheiro.

As obras de implantação das



Córrego do Mergulhão canalizado. Visão no futuro e no meio ambiente.

vias internas e a de adequação ao acesso ao parque, já estão quase prontas. A avenida Presidente Carlos Luz, conhecida como Catalão, já foi alargada. A pista construída servirá, principalmente, para a circulação de coletivos, já que a avenida ganhará um ponto de ônibus, próximo à Praça Pedro Melo, localizada em frente à Usiminas. Do outro lado do Parque Tecnológico, o alargamento da rua Professor José Vieira de Mendonça e a criação de uma rotatória permitirão o único acesso ao parque.

Ponto para o meio ambiente. Dos 535 mil metros quadrados de parque, 350 mil serão de área preservada. "Se de um lado nós construímos os prédios, de outro, nós preservamos a vegetação nativa. Foram feitas, inclusive, mudanças no arruamento interno para não cortar uma mangueira que já deve ter uns 80 anos", afirma Eduardo Roscoe, coordenador de obras pela UFMG.

O Córrego do Mergulhão também ganhou uma feição nova. Antes do BH-Tec, o terreno, por onde passa

o córrego, era um grande depósito de lixo. Segundo Massahud, mais de três mil toneladas de pedra foram utilizadas para canalizar o córrego. A vantagem desse tipo de canalização é que ela não impermeabiliza o solo, mas permite a infiltração da água da chuva e seu escoamento para o lençol subterrâneo. No período de chuvas, portanto, não haverá mais as inundações que normalmente ocorriam. O esgoto também será canalizado pela Copasa e nenhum dejetos será lançado no Mergulhão, como ocorria anteriormente. As margens do córrego também serão preservadas. A seu redor, uma grande área gramada está sendo plantada. "Depois do plantio de grama, nós vamos plantar as árvores. Com certeza, muitas famílias virão aqui passar as tardes de domingo", antecipa Massahud.

você sabia...

O Brasil é a liderança mundial, pelo quarto ano consecutivo, na reciclagem de latinhas de alumínio. Só no ano passado, 121,1 mil toneladas ou 9,3 bilhões de unidades foram recicladas, o que significa 95,7% de toda a produção de latinhas no País. Isto compreende uma poupança na extração da bauxita, minério usado na produção de alumínio, e uma economia de energia capaz de abastecer uma cidade com 1 milhão de habitantes.

A vitória, porém, não é apenas ambiental. O mercado que negocia as latinhas gera renda para cerca de 160 mil pessoas e alavanca a economia nacional. Em 2005, o setor movimentou 2 mil empresas e 1,4 bilhões de reais.

As latinhas são compradas por um valor que varia entre R\$ 3,20 e R\$ 3,70 por quilo do material. O preço é tão atraente, que donas de casa que antes doavam ou jogavam fora as latinhas que utilizavam, passaram a juntá-las para vender.

Desta forma, o consumo de bebidas em latas nos eventos e festas, além de evitar o desperdício de lixo (copos descartáveis), pode ser uma boa opção financeira.

Jornal da Pro-Civitas



Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José
Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG - CEP: 31.270-750
Tel: 3490-4564 - e-mail: pro_civitas@terra.com.br